A maior tiragem de todos os semanarios portuguezes
ANO II - NUMERO 87 PREÇO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - TEATROS SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES

A tragedia da esquadra da Lapa

Agentes de auctoridade que deviam dar o exemplo duma impecavel vida de honestidade e de trabalho chacinam-se mutuamente Um policia mata um cabo e fere gravemente um colega. E' preciso sanear a policia dos maus elementos que a desprestigiam, sem o que, todo o esforço do seu Comando será esteril.

O DOMINGO ilustrado

ANO II — N.º 87

LISBOA 12 DE SETEMBRO DE 1926

PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO Ilustrado

DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 621 N. — CHEFE DA REDACÇÃO HENRIQUE ROLDÃO—EDITOR JULIO MARQUES—IMPRESSÃO—R. do Seculo, 150

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ECOS

As horas do Diabo

Em Portugal o crime tem alastrado ultimamente duma maneira absurda. Diariamente os jornais registam crimes de homicidio. Interrogados os criminosos, muitas vezes pouco mais têm para alegar em sua defeza do que a frase seguinte:

—Então que quere, senhor, são as horas do Diabo!

Outras vezes o assassino da amante declara que «lavou» a sua honra. E a verdade é que a forma por que em Portugal se pune e se julga o crime tem dado lugar a que esta pratica «higienica» esteja muito popularisada.

Olhem um pouco para o que fazem os nossos visinhos em Espanha e consideremos que nesse ponto têm um pouco mais de juizo...

A agua do Andaluz

O povo cura-se com a agua do Andaluz. Para Lisboa ter tudo faltavam-lhe as termas. Já as arranjou.

Uma longuissima fila de consumidores estaciona durante o dia defronte da famosa bica. A' noitinha, pela fresca, uma romaria imensa de todos os pontos da cidade, desce as colinas do burgo, com garrafões e bilhas, e vai em bicha á bica...

Sucede, porém, que, com «enorme altruismo», certos desinteressados comerciantes fazem uma captação da agua, fornecendo-a ao povo a dinheiro, em garrafões, nos seus estabelecimentos.

Ora a agua do Andaluz é publica. Insofismavelmente publica. O comercio é livre. Mas como o manancial é pequeno, o governo, a bem do povo, tem que proibir a exploração mais que suspeita.

Como se faz a Historia!

Uma noite destas, calma e pacata, o policia de giro na rua D. Pedro V decidiu embirrar com o automovel do "Domingo ilustrado", que estacionava á porta da redacção do nosso jornal. Solicitado por um empregado, o nosso director veio pessoalmente entender-se com o cívico e tendo-lhe este imposto uma multa injusta, o nosso director a ela se negou. Convidado a explicar o caso ao chefe da esquadra proxima, fê-lo imediatamente, tendo-lhe sido pedidas todas as desculpas da impertinencia estupida do guarda e retirando sem pagar coisa alguma.

Pois este simples incidente — que durou minutos visto mal de longe por alguem dos jornais, originou uma local na 1.ª pagina da «Informação» dando como preso politico o sr. Leitão de Barros!

Outros jornais portugueses se referiram ao facto, e um houve até que o declarou incomunicavel!

Pouco faltou para o darem por exilado!!

* *

A's muitas pessoas que pessoalmente pelo telefone e por escrito nos enviaram o seu cumprimento e foram ao Governo Civil, supondo verdadeira a noticia da prisão politica do nosso director, agradecemos a prova de gentil camaradagem que nos quizeram prestar.

NO CURSO DE FISICA E QUIMICA

—Ora como os senhores vêm, os senhores não vêm nada! Porque não vêm nada?
Eis o que vão ver imediatamente!

Má língua

"DES-JEJUM..."

CARTA A S'LVA TAVARES

Collega.

Vim de França; (num vagão,
por achar acanhada a condessinha).
Cá estou a retomar da sua mão
o fio em que pegou com tanta linha.

Vi, á chegada, as rimas opulentas
dos seus versos; relendo-os um por um
invejei-lhe as piadas suculentas
a que, não sei porquê, chamou «Jejum».

Tambem eu me enclavinho na cadeira
quando o assumpto me foge, ou se ensarilha;
dou voltas ao miôlo, á Sexta-Feira;
—mais do que o Robinson na sua Ilha.

Ai! Se o conheço!—E temo-o mais que tudo
ao falhar da chamada Inspiração...
Você, zangado, chama-lhe canudo;
—mas nem dá para bólas de sabão...

No entanto,—agóra que um jornal só presta
para abanar sujeitos com calor,
usemos da vantagem manifesta
para esta confissão... sem confessor:—

«O Assumpto»! «A Inspiração»? Tudo cantigas
que nós cantamos ao Leitão de Barros
para não supportar certas espigas,
—por falta de pachorra... ou de cigarros.

Ha sempre assumptos, vivos, a saltar,
neste revolto mar da especie humana;
e basta, para a gente os apanhar,
ter a paciencia de os pescar á canna.

Ha sempre um Homem Christo a quem consómem
cem mil canceiras, para nosso bem;
e que quer, por ser Christo ou por ser Homem,
que todos o vejamos em Belém...

Ha sempre trez ou quatro «informadores»
com berloques de ferro na gravata,
que cunham seus brozões de «grã-senhores»
com oiro americano e muita lata.

Ha sempre summarentas entrevistas
com grandes phrases cheias de calor
—embora, as mais das vezes, entre-vistas
pela inventiva do entrevistador...

E não ha professores do lyceu,
melifluos, de olhos ternos e seraphicos,
que a serpe da calumnia convenceu
a dar á luz livrinhos pornographicos?

E não surge este «poeta», esso «poetisa»,
que, obedecendo a novas leis supremas,
utilizam a fralda da camisa
para mata-borrão dos seus poemas?

Ora! não falta a coisa, «o coiso», o caso
onde a ironia dêva recahir
sempre que a gente lhe quizer dar azo
de os beliscar a rir, ou a sorrir!

E então você, você que é de alimento
pois é Silva, e Tavares,—pede meças!
Mettendo colheradas de talento
come-lhes sempre as papas nas cabêças...

O «Cabaz de Morangos» não é prova
do que lhe digo sem lisonja alguma?
«O assumpto»!... Arranje uma desculpa nova
para a outra vez em que precise de uma.

E quanto á Inspiração, se ella se zanga
ponha-lhe a mão adeante, o pé atraz,
invoque as prelecções de Fr. Thomaz,
em vez de olhar o céu trauteie o «ganga»
—e verá que o systema é efficaz...

TAÇO

questão prévia

A linha de Cascais é uma coisa que começa provisoriamente no Cais do Sodré e começa a acabar, tambem provisoriamente, ali pelos Estoris, só por muito favor consentindo em ir até á ex-praia da exrealeza.

O que caracterisa principalmente esta linha é o provisorio. Como se a estação do Cais do Sodré não fosse suficientemente provisoria, fizeram-lhe agora umas plataformas provisorissimas de travessas de madeira, que só foram provisoriamente aproveitadas durante o serviço provisorio dos comboios electricos.

E' provisoria a entrada para a estação, toda feita pelos mais modernos sistemas da terra solta, dando-nos perfeitamente a impressão de que quando a estação do Cais do Sodré coincidir com a estação de inverno nem um bocadinho deixará de estar aproveitada para fazer lama.

São provisorias as meninas que estão nos *guichets* das bilheteiras e se algumas ha que sejam meninas definitivas teem, todavia, uma cortezia bastante provisoria. Ainda ha dias, uma especie de feto do sexo feminino, que estava de piquete ás assinaturas, após repetidos toques de castão de bengala, que um assinante mais impaciente vibrava no postigo, abriu a gaiola e com uma vozinha toda em s s investiu comigo:

—O snr. com certeza que traz dinheiro, pela pressa com que está.

Senti um desejo impulsivo de esmagar o insecto com uma frase que me acudiu, mas considerei que não valia a pena estar a gastar energia com as empregadas duma companhia que a não tem para fazer andar os comboios electricos.

* *

Para cumulo do provisorismo da linha de Cascais, os comboios a vapor, que durante tantos anos foram definitivos, são agora tambem provisorios.

O definitivos, os irrevogaveis são os electricos—que não circulam. Ao contrario do oxigenio, que existe mas não se vê, os comboios electricos da linha de Cascais não existem, mas veêm-se... na aplicação do horario, pelo menos.

No domingo ultimo, na estação de Caxias, uma familia numerosa, que nas suas fileiras contava idades desde os dois meses aos setenta anos, foi impedida de tomar o comboio das 23 e 40 minutos, que aliás vinha com grande atrazo, porque o chefe de serviço áquela hora entendeu dar a partida decorridos menos de cinco minutos, sem se importar com os passageiros que não tinham lugar senão nas carruagens que ficaram fora da plataforma da estação. Interpelado o agaloado funcionario, declarou que a paragem estava reduzida a meio minuto, e como se lhe observasse que esse tempo fôra julgado suficiente para os comboios electricos (de composição mais curta e mais certa, ficando sempre dentro da plataforma) o fecundo chefe sustentou a extranha doutrina de que, embora a vapor, aquele comboio a vapor substituia um electrico e que, portanto e para todos os efeitos, era electrico, embora o não parecesse.

E por causa dum comboio electrico, que por sinal era a vapor, esteve uma numerosa familia retida na estação de Caxias até quasi ás duas horas da manhã, hora a que passou o ultimo comboio para Lisboa.

Mas, no fundo, o tal chefe deve ter razão: os comboios electricos na linha de Cascais são um facto. Fez-se a inauguração, comeu-se um almoço, fizeram-se discursos, fizeram-se as reportagens, publicaram-se gravuras, despejaram-se os caixotes de adjectivos; o que mais é preciso para que se possa dizer que a viação electrica existe na linha de Cascais?

Ora realmente parece que falta só que os comboios electricos circulem, mas isso é uma coisa tão sem importancia que nem vale a pena falar nisso.

E' até bom que eles não circulem para evitar que o publico estrague as automotoras, que são novas, luxuosas e ricas de mais para o publico, que não pode com tanto fausto.

ECOS

Um serviço insuportavel

Os policias encarregados da vigilancia dos automoveis fazem a mais revoltante caça á multa. Agora na Avenida foi multado um carro dum nosso amigo que ia em «panne» lentamente, para a garage—sabe Deus como—por excesso de velocidade!!!

Era uma injustiça, flagrante, mas de nada valeu protestar. O policias lá espetaram o tal cronometro — intrujão que nada prova, e lá extorquiram ao nosso amigo os 112 escudos.

E' insuportavel este estado de coisas. Se por um lado os homens do galão azul recebem pingues ordenados das garages, para não multarem os seus taxis, por outro caem com a mais revoltante injustiça sobre as algibeiras do «c' auffeur» amador.

E, uma vez no tribunal, o juiz, seja em que circunstancias fôr, multa sempre — de fórma que o remedio é recorrer á repugnante gorgeta pessoal.

Não conhece o governo o assunto?

Os adueiros

Os «boy-scouts» são em todo o mundo—até no Japão!—uma instituição admiravel, protegida pelo goveno, respeitada pelo Povo, defendida por todos. Em Portugal o escotismo está pouco menos que morto.

Quando os nossos pequenos passam fardados nas ruas para as suas magras colonias de ferias, a população ignorante ri-se; as familias proibem-lhes os passeios; as companhias de Caminhos de Ferro não lhes abrandam as tarifas, e o bom portuguesinho, quando os vê marchar com seu pau e sua saquitola, tem um encolher de ombros e murmura:

—São Matias! Podia-lhes dar para pior!

O governo devia proteger amplamente esta instituição—de preferencia á furia foot-ballistica e á instrução militar preparatoria.

UM MOTIVO FORTE

—E você não tem medo de morrer num desastre de comboio?
—Não. Já me predisseram que havia de morrer num cadafalso.

HUMORISMO

Crónica alegre

O REPORTER X... JUNIOR

ENTREVISTA O NOSSO COLABORADOR XISTO JUNIOR

O inesperado aparecimento nas colunas de O Domingo da, para que assim o digamos, fulgurante colaboração de Xisto Junior criou uma natural e intensa curiosidade, dentre os leitores, de conhecer a extranha personalidade, que se oculta sob o anonimato dum pseudonimo, como diria, historicamente falando, o sr. Antonio Cabreira.

Como tambem ignoramos grande parte da vida do misterioso homem de tretas, puzemos-lhe á perna o nosso habil colaborador, homonimamente chamado o Reporter X... Tu Junior.

Da entrevista entre os dois vigorosos pilares do jornalismo indigena publicamos a seguir as partes mais importantes, embora correndo o risco de nos chamarem parciais.

O SEU GABINETE.—UM POUCO DE BIOGRAFIA

UMA criada, muito bem criada pede-me a fineza de me dar ao incomodo de entrar para o gabinete de Xisto Junior, o ilustre humorista que é a admiração de nacionais e estrangeiros.

Entro com o pé direito e com uma certa emoção, e emquanto estou só aproveito para examinar o recinto. Todo o chão está coberto de coxins e as parêdes são almofadadas até á altura dum homem. Compreendo: é para que os felizes mortais, que são admitidos á palestra do ilustre humorista, possam rebolar-se a rir, sem perigo para a integridade do cavername.

Nas paredes, em ricas molduras, varios retratos, como o de Democrito, o do «Homem que ri» e doutros risonhos sujeitos. Num belo marmore de Carrara, a Maria Rita morre a rir.

Na estante figuram as obras mais humoristicas, desde o Codigo Penal ao

Catalogo do Grandela para a estação de verão.

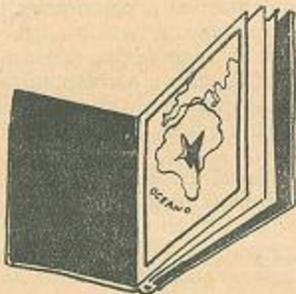
Um ligeiro ruido faz-me voltar a cabeça. E' Xisto Junior que entra, em pijama e bocejando.

—Temos então estopada de entrevista?—diz-nos, de muito mau humor, o feliz humorista.

—Algumas notas sobre a vida e obras de Vossencia.

Deixando-se cair molemente num «maple», que ao contacto com o ilustre gracejador solta das molas um gemido alegre, Xisto Junior prossegue:

—Ora então vamos lá a isso... Assente lá que nasci na Graça. Posso, portanto, dizer que a Graça me acompanha—de França.

—Perfeitamente!... E quando disse Vossencia a primeira gracinha?

—Aos dez mêses. Não se pode dizer que fosse um dito de grande espirito, mas foi um grande exito.

—Vossencia recorda-se...?

—Então não havia de recordar. Depois de me conservar dez mêses mudo como uma botija de genebra, desatei a dizer duas silabas: Tu... pi... A minha familia, entusiasmada, concluira que eu chamava estupido a toda a gente. Durante o dia, eu era solicitado mais de vinte vezes para chamar estupido aos cavalheiros mais respeitaveis, que por sua vez fingiam achar muita graça.

—Depois...

—Depois, não tendo mais nada que fazer, entretive-me a crescer, a crescer. Apezar do habito adquirido em criança, deixar de tratar por estupidos os meus semelhantes, dividindo-os em duas categorias: os que são estupidos e não gostam que lho chamem e os que, embora lho chamem, continuam a sê-lo.

—Não ha na vida de Vossencia alguma aventura em tamanho natural?

—Então não ha? Ora faça favor de lá escrever.

«COMO EU ATRAVESSEI A AFRICA»—O QUE É UMA EXPLORAÇÃO GEOGRAFICA, SEGUNDO XISTO JUNIOR.

«Um dia, atravessando o Rossio debaixo dum sol feito de proposito para assar os pombos do Teatro Nacional, lembrei-me de praticar algum daqueles feitos, muito bem feitos, que eram a especialidade dos nossos antepassados.

«Ha muito tempo que eu andava sem trabalho, e como estava folgado pareceu-me facil fazer uma proeza, emquanto o diabo esfrega um olho.

«O calor tropical que me fritava os miolos suscitou-me uma ideia:

«E se eu atravessasse a Africa, como ia atravessando o Rossio?

«Rapido, retrocedo, e então na primeira livraria que encontro. Para ter a certeza de que a Africa realmente existe e que não é uma intriga dos inglezes, decido-me a comprar um atlas de geografia.

—São novecentos escudos!—diz-me o caixeiro, que é meu amigo e que, portanto, me faz os mais elevados preços.

—Homem — gemo eu — isso é uma exploração geografica muito maior do que essa que eu me proponho fazer.

«Já impaciente, o caixeiro insiste:

—Então, Xisto, não atlas nem desatlas.

—Deixa-me ao menos vêr a Africa.

—Aqui está—mostra o caixeiro.

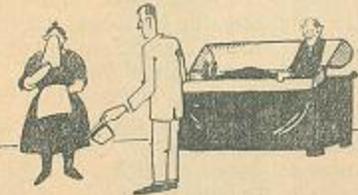
—Isto, a Africa? Isto é a Australia —e com tanta força apontei, que furei a folha do Atlas.

«O caixeiro é quem tinha razão, porque o mapa era do continente africano.

«E foi assim que eu atravessei a Africa, de lado a lado: com um dêdo.

«Donde conclui que tenho um certo dêdo para as travessuras.

COMO SE REVELOU O HUMORISMO DE XISTO JUNIOR—A SUA OFICINA.

—Interessantissima essa aventura.

Lembra qualquer coisa de Douglas Faisbank.

—E outro assunto: Desde quando foi Vossencia atraído pelo humorismo—escrito e escarrado?

—Desde sempre... Primeiro, quiz dedicar-me á literatura séria e comecei a continuar os *Lusiadas*, mas em breve reconheci que a minha vocação era a literatura a rir.

—Como se operou essa revelação?

—Da forma mais lugubre possivel. Imagine, meu caro Reporter X... To Junior, que após prolongado sofrimento faleceu o meu chorado amigo Silva, que era ao tempo o meu unico e o meu urico amigo, se atendermos á orgia de artritismo a que ele se entregava.

«Como não podia deixar de ser, prestei-lhe a ultima homenagem, acompanhando-o, e emprestei-lhe a ultima corôa, que desta vez era de flores artificiais.

«E' evidente que ao chegar a casa do ex-Silva corri a apresentar a expressão do meu pesar á desolada viuva. Mas Mme. Silva, que não simpatisava comigo por me supor socio do marido numa aventura com espanholas, não poude esconder a sua má impressão:

—Minha senhora, dou-lhe os meus sentimentos—disse eu, curvado e comovido.

—Não dê, que o senhor já tem tão poucos que talvez lhe façam falta.

—Emfim, minha senhora, quem dá o que tem não é a mais obrigado.

—Boa piada! — diz, de dentro da urna, o Silva.

«Ora já vê que quem faz viver um morto tem o seu caminho de humorista traçado».

Estava terminada a entrevista. Xisto Junior, antes de nos despedir, leva-nos á sua oficina de humorismo, onde cerca de trezentas costureiras trabalhavam afanosamente, a virar algumas piadas em segunda mão, mas em muito bom uso.

Por X... To Junior

XISTO JUNIOR

QUESTÃO DE PARCELAS...

—!! Mas disseram-nos que tinham quartos para 20 e 30 mil réis!!...

—Sim senhor, 20 e 30, 50!...

NO PROXIMO NUMERO

UMA NOITE EM MADRID

NOVELA DA MINHA VIDA

POR

INOCENCIA...

—Papá, você já conhecia a mamã, quando se casou com ela?

—Infelizmente, não...

O TOSÃO DE OURO FRANCÊS

A proposito da recente outorga do tosão de ouro ao presidente da Republica Francesa por Primo de Rivera, durante a sua recente viagem a Paris, conta o *Petit-Journal*, pela pena de Jean Lecoq, que em França tambem houve uma ordem do Tosão de Ouro, ou antes, dos Tres Tosões. Creou-a Napoleão, por decreto assinado no campo de Schoenbrun, em 13 de Agosto de 1809. A «Ordem dos Tres Tosões de Ouro» devia ser superior à Legião de Honra e compor-se de cem grandes cavaleiros, quatrocentos comendadores e mil cavaleiros. Só podia obtê-la quem já tivesse recebido tres ferimentos, pelo menos, em campanha. Os principes de sangue, para a obterem, tinham que já haver tomado parte, pelo menos, numa guerra. Os ministros só a ganhariam depois de dez anos de serviço, ininterruptos.

A criação da Ordem foi mal acolhida, principalmente pelos dignitarios da Legião. Mas isso não obstou a que Napoleão nomeasse chanceler da nova ordem o conde Andreossy. E se não foi avante esta fantasia imperial, é porque os acontecimentas se precipitaram e o criador de ordens francezas passou a receber ordens dos ingleses.

OS RAIOS ULTA-VIOLETAS E OS ALIMENTOS

O doutor W. E. Duxon, da Universidade de Cambridge, observou os curiosos efeitos dos raios ultra-violetas sobre os alimentos. Viu-se que numerosas substancias absolutamente diferentes, submetidas a esses raios, adquirem novas propriedades. O trigo, a carne, o leite, os ovos, o azeite, etc., tornam-se anti-raquiticas. Daqui veiu o utilisar as observações do doutor Duxon para a cura do raquitismo ou para prevenção contra essa enfermidade.

Sabendo-se que a luz pode modificar certas substancias quimicas, tornando-as anti-raquiticas, abre-se um novo campo de pesquizas, na terapeutica dependente do acção desses misteriosos raios ultra-violetas.

UM IMPOSTO ORIGINAL

«L'Homme Libre» conta que um gracioso sugeriu ao ministro Raoul Peret a ideia dum imposto anual lançado a todas as mulheres que usem saias curtas. Devia ser um imposto muito produtivo e pouco susceptivel de fraudes. Mas já não é nova a idéa de lançar contribuições sobre atributos da moda. Pedro, o Grande, no seculo XVIII, aplicou aos russos, seus subditos, o imposto da barba. Todo o subdito do czar que quizesse usar barba era obrigado a apresentar, a qualquer agente da autoridade que lha exigisse, a chapa comprovativa de que pagara o imposto durante o ano corrente.

Se não tinha pago, era preso, sendo condenado a uma pesada multa; em caso de reincidencia, apanhava ainda uma serie de chicotadas.

A PROPOSITO DE TERRAMOTOS

SEGUNDO a sciência moderna, a Terra não chegou ainda a um estado estrutural definitivo. A natureza, que desde a origem do nosso planeta sempre o tem estreitado em seus dedos gigantes, fazendo estalar o seu esqueleto de jaspe e granito, ainda não largou a sua prêsa e ainda faltam milhões de anos antes que as fôrças internas percam as suas energias e as rochas estremeçam pela ultima vez.

Os terramotos são fenomenos devidos ao desequilibrio das forças armazenadas, no interior do planeta, desequilibrio que ocasiona deslocações e movimentos que se vão propagando de camada em camada até á superficie. Está hoje definitivamente assente que não teem a menor causa externa.

Os terramotos, segundo a sua natureza, dividem-se em *téctónicos* (resultantes de perturbações no equilibrio das camadas internas da Terra), *vulcânicos* (os que estão ligados ás erupções vulcânicas), *tecto-vulcanicos* (os que participam dos caracteres das outras duas especies) e *perimétricos* (os de caracter duvidoso). Chamam-se *microsismos* os pequenos tremores de terra, *macrosismos* os que são muito grandes, *plesiosismos* os que ficam perto do lugar de observação, e *telesismos* os que ficam longe dêsse lugar.

O movimento de tremor de Terra propaga-se em ondas longitudinais e transversais, que têm o nome genérico de *ondas sísmicas*. Chama-se *hipocentro* o foco do terramoto ou ponto onde começa o movimento. As linhas que partem do hipocentro para todos os pontos da superficie do globo chamam-se *raios sísmicos*; o ponto da superficie tocado por cada um dêsses raios chama-se *epicentro* e é aí que o fenómeno tem as suas mais tragicas consequências.

Num terramoto há tres categorias de movimentos: os *premonitorios*, fracas sacudidelas que precedem mais ou menos o momento terrivel; os *principais*, movimentos que produzem os máximos efeitos; e as *secundárias*, tambem chamadas *réplicas*. Estas tres fases formam o *período scismico* e correspondem aos periodos *inicial*, *maximo* e *final* do terramoto. O terramoto da Calábria, em 1783, teve mil réplicas, no espaço dum ano. Das replicas, a mais notavel é a que segue imediatamente á fase maxima.

Compreende-se como seria importante a existência de alguma regra ou lei que permitisse calcular a chegada dos estremecimentos premonitórios; infelizmente, a sciência ainda não obteve resultados apreciaveis sôbre esse ponto e só as replicas parecem obedecer a certas leis já estabelecidas. Nos movimentos de tremor de Terra há a considerar os *subsultórios* e os *ondulatórios*, ou seja, as trepidações de baixo para cima e as vibrações de vai-vem, dentro dum plano horizontal. Como casos de sacudidela subsultória são célebres os dos terramotos de Casamicciola (28 de Julho de 1883) e de Riobamba (14 de Fevereiro de 1797): o primeiro fez com que um casal que estava dormindo fosse precipitado do leito a uns dez metros de distância; o segundo diz-se que arremessou ao ar os cadaveres, que saltaram das covas para se elevarem a uma altura de cem metros. O terreno, ao mover-se, tambem executa uma certa rotação, como parece comprovado pelas posições de desvio angular que apresentaram, antes e depois dos terramotos, alguns monumentos: a estatua da rainha Victoria, em Kingston executou um movimento de rotação de 45º, durante o terramoto de 1907.

A duração do terramoto é o tempo que decorre desde o primeiro sinal do sismo até que êste termina. Chama-se duração *total* a que é assinalada pelos aparelhos registadores ou sismógrafos e duração *sensivel* a que é perceptivel pelo homem. A primeira pode abranger horas; a segunda, raras vezes atinge um minuto que, muitas vezes, parece um seculo. A duração sensivel da primeira sacudidela do grande terramoto de Lisboa, de 1755, não excedeu 6 segundos; a destruição de São Salvador, em 1783, durou 10 segundos, e a de Caracas, em 1812, tambem não levou mais de 6 segundos, divididos por trez grandes estremeções; o terramoto andaluz, em 1884, arruiu cidades em 20 segundos, e o da Califórnia, em 1905, em menos de 40 segundos.

Há centenas de aparelhos inventados para revelar, medir ou registar os movimentos da terra, mas todos se dividem em tres categorias: *sismocopios* (se só anunciam que teve logar um tremor), *sismómetros* (se medem alguns elementos do sismo) e *sismógrafos* (se revelam, por meios gráficos, as sucessivas fases do pavoroso fenómeno).

A Sismologia ou sciência que estuda os sismas tem por principal objectivo resolver estes dois problemas: saber onde treme e quando treme o globo. O primeiro pode dizer-se que está resolvido e estão hoje rigorosamente determinadas as zonas sismicas. O segundo é ainda... um problema. E' ao conde Montessus de Ballore, grande sismólogo francês, director do Serviço sismológico do Chili, que se deve a solução do primeiro problema. Na sua obra *Les tremblements terre: Geografie sinsmologiques*, o conde Montessus de Ballore, depois de estudar 171.434 sismos, durante vinte anos, traçou sôbre o mapa mundo os dois grandes circulos fatídicos, ou seja, duas tiras circundando o planeta como circulos máximos, que se notam formando um angulo de 69º e dentro das quais estão as zonas terrestres sujeitas a serem vítimas do terrivel fenómeno. A Peninsula hispânica e os Açores estão dentro dum dos circulos fatídicos.

Durante muito tempo supôs-se que os vulcões eram a causa dos terramotos; hoje, sabe-se que os dois fenomenos teem a mesma causa, mas são independentes; durante a grande erupção do Monte Pelado, em 1902, em que morreram 35.000 pessoas, a terra não tremeu, e, em compensação, durante o terramoto de Messina, em 1908, que ocasionou mais de 100.000 vítimas, o Etna brilhou tranquilamente. Isto não quere dizer, contudo, que uma violenta erupção não possa dar lugar a um tremor de terra, ou vice-versa.

Dum modo geral pode dizer-se que as regiões do planeta são ou *altamente sismicas* ou *medianamente sismicas* ou *imunes*. A' primeira categoria pertencem o Japão, a Italia e o Chili. O nosso país e a Espanha quasi tôdas estão incluidas na segunda. Contentemo-nos com isso. Mesmo não ganhavamos nada em protestar contra essa ignota força que, de vez em quando, se transmite das entranhas da Terra ás regiões mais quietas e pacificas da sua superficie.

UM PROJECTO ESQUECIDO

Ha treze anos, o professor Julião Kisken Dorper, membro de varias sociedades geologicas, submeteu ao rei de Italia um projecto para a extinção do Vesuvio, propondo-se abrir, por baixo do Mediterraneo, um gigantesco tunel, que se unisse ao conduto principal da cratera.

EXCENTRICIDADES AMERICANAS

Na «Revue Mondiale», N. Tricoche conta que em Dakland, na America, vive uma senhora, miss Lamphier, que é coronel auxiliar dum regimento de milicia, o «California Greys», e que veste o uniforme masculino, assistindo aos exercicios com assiduidade.

Na Luisiana ha uma senhora que acaba de contrair matrimonio pela nona vez, depois de ter enterrado tres maridos e haver-se divorciado de outros seis. Mas não é esta a «recordwomen» dos casamentos! Em East Saint Louis, de Illinois, ha uma americana de quarenta e cinco anos, que obteve agora o seu decimo primeiro divorcio e teve quinze maridos.

UM REMEDIO AGRADAVEL

Por ocasião de quarto centenario da introdução em França do chocolate, trazido de Espanha em 1526, Luis Chauvet recolheu algumas curiosidades acerca do chocolate, considerado como alimento, remedio e guloseima.

Houve uma epoca em que tudo servia de pretexto para se ingerir chocolate. Dava-se aos tisicos e aos que necessitavam de diureticos. O padre Labat aproveitava-o como remedio infalivel. Em 1712, Hecfeut, então decano da Faculdade de Medecina, escrevia: «O chocolate é tão nutritivo e confortante que não se sabe se é uma bebida ou um alimento». Um medico, Bligny, afirmava que o chocolate curava todas as doenças. Brillat-Savarim declarava francamente o seu entusiasmo e a opinião do celebre «gourmet», autor do «Eloge de la Gourmandise», era das que formavam escola.

CARTAS DE UM COMEDIANTE

O Realismo das Marionettes

Falou-se o ano passado na vinda a Lisboa de uma companhia de «marionettes.» Não se tratava da «troupe» dos «Petits Comédiens de Bois», manejados por tecnicos italianos, que se exibiu no Vieux Colombier de Paris.

Era, porém, ao que se dizia, uma das «troupes» mais perfeitas que correm mundo. Por fim, deante da indiferença de emprezarios e da provavel indiferença do publico, não se falou mais nisso.

Para o publico em geral, não o da «geral», o fantoche é sempre o «Roberto», quando muito, um «Roberto de Andronic.»

Ele não realisa que os actores não podem «fixar» a expressão de certas scenas. Não atinge o que seja a eloquencia da imobilidade, acostumado como está á exuberancia da exteriorisação latina. Que esperar da falta de preparação do publico para o sucesso da linha «mecanisada», que alguns modernos artistas esquissam no teatro moderno?

Não se aceita a expressão da arte dramatica de hoje que teimam em denominar «futurista», quando, afinal, ela se baseia na expressão muda e eloquente da longinqua e antiquada «marionette.»

O moderno actor que queira evoluir terá que ir buscar a realidade maxima ao artificio do fantoche. Ha o problema do publico a ponderar, problema gravissimo quando se vive do aplauso do publico. Mas corramos o pano de boca e vamos conversar nos bastidores,..

Exemplificando: A rigidez necessaria á durabilidade de expressões, de atitudes, não se consegue no tablado.

Eis porque, para grandes efeitos, sempre que se torna preciso inten ificar a acção da peça, os actores japoneses recorrem ás «mascaras» e executam as scenas «á la marionette», pantomimas de «linhas geometricas», ritmadas.

Gordon Craig transplantou esses processos para o teatro inglês. E na dança, Margaret Severn, Nijinski, Molasso e Leonide Massine fizeram resaltar a «linha mecanisada, angulosa, o traço rigido e forte que os desenhistas Delaw, Benda e Bérain esculpiam na madeira».

Quere dizer que os artistas serviam-se das «marionettes» como modelo.

Retrocesso? Não! Porque a linha gravada pelo fantoche é a unica, no Palco, que se harmonisa com o traçado moderno das artes aplicadas do tão decantado «futurismo».

E as «marionettes» já invadiram a Opera. Os cantores juntam-se á orquestra, mas são as «marionettes» que no palco desenham a acção. «Desenham» em vez de representarem, e aqui está a razão do sucesso.

«Le Renard» de Stravinsky, opera em que figuram animais; a triologia do «Orfeide» de Malipiero, "El retablo de Maese Pedro» de Manuel de Falla e «L'uccello Belverde» de Respighi necessitam do extatico que só bonecos podem realisar.

E' com o movimento ritmado que se imprime ás «marionettes» que se consegue uma interpretação estilisada, meta anceiada e inatingida por artistas.

E no Teatro do Silencio — Maeterlinck á frente — peças ha só representaveis por «marionettes».

Retrocedendo ás «marionettes», não fazemos senão evoluir. «Torniamo al antico, sará un progreso...» já dizia o Verdi.

CARLOS ABREU

A Senhora D. Inveja

EU não sei se os leitores de *O Domingo ilustrado* que me honram com a sua leitura conhecem a Senhora D. Inveja.

D. Inveja é uma velha quisilenta de má catadura que aparece em toda a parte envenenando com as suas observações e com os seus juizos a vida de todos nós. Todos procuramos fugir-lhe, todos dizemos que não lhe damos ouvidos, mas não ha duvida que ela vae sempre conseguindo os seus fins, espalhando por toda a parte a discordia, envenenando a vida de todos e destruindo toda a felicidade.

Mas ha um meio, que a D. Inveja frequenta de perferencia e onde se sente melhor do que em nenhum outro. Esse meio, é o meio teatral.

Nas caixas dos teatros, D. Inveja é recebida com todas as honras de uma rainha.

E' ela que põe e dispõe e a gente de teatro ouve-a com toda a atenção e faz sempre o que ela diz.

D. Inveja precorre todas as noites, os teatros de Lisboa. E' ela que vai comunicar á actriz V, estrela da companhia, que o seu nome está em segundo logar no cartaz e que nos anuncios chamam grande artista á sua colega X, quando a ela lhe chamam unicamente ilustre artista. E' a D. Inveja que vai insinuar ao «estrelo» Y, que o camarim que lhe deram é muito inferior ao camarim do rabulista Z e que toda a gente estranhou que o critico do semanario «A Voz do Publico» tivesse publicado o retrato da Fulana e do Cicrano e não tivesse publicado o seu retrato.

E assim de camarim em camarim ela lá vai espalhando a desarmonia entre os artistas, gosando com os conflictos que provoca, e rindo a bom rir com as fraquezas dos que se deixam arrastar na rêde que lhes lança e onde se debatem num ridiculo confrangedor.

E' a D. Inveja que dita os anuncios que os jornais publicam, é a D. Inveja que indica o tamanho das letras em que devem ser compostos os nomes dos diversos artistas, é ela que obriga o pobre reclamista teatral a colecionar adjectivos idiotas para distribuir pelos diversos interpretes duma peça.

Se um teatro está cheio, la vae a D. Inveja, a correr comunica-lo a todos os outros teatros se uma peça agrada la vae a D. Inveja dize-lo por toda a parte. E todos nós que desejamos mata-la, todos nós que não a suportamos, acabamos finalmente por sermos vencidos pelas suas palavras más e venenosas.

Se ela deixasse de frequentar os teatros a vida dos teatros seria muito diversa. Hoje as companhias são quasi todas diferentes. E porquê? Porque D. Inveja não deixa que haja dois bons artistas no mesmo elenco.

A distribuição das peças são quasi todas erradas. E porque? Porque a D. Inveja não consente que se dê o papel de ingenua á artista que pela sua edade tinham qualidades para o representar e obriga o auctor a entrega-lo á estrela da companhia que podia ser a avó da figura que interpreta.

Nas noites de 1.as representações, D. Invcja deixa o palco e passa para a plateia. E ela lá anda, em busca dos auctores para lhe dizer, que o colega que se estreia n'aquela noite, tendo passado sobre todos os outros e tendo conseguido que a sua peça fosse posta em scena, não tem mais talentos do que aqueles velhos auctores. que embora não tenham conseguido fazer representar as peças, tem pelo menos um direito de antiguidade que lhes devia garantir alguns direitos de autor.

Ai teatro, como tu serás feliz no dia em que tenhas a coragem de estrangular a Senhora D. Inveja! Nesse dia mudarás, como por encanto.

Nesse dia hão de formar-se companhias completas, que darão ás peças a interpretação precisa. Dentro das companhias haverá camaradagem e lealdade. E quem sabe lá, talvez no momento em que a D. Inveja jazer, morta e bem morta, se consiga fazer a reforma do Teatro Nacional.

Santos Carvalho

O NOTAVEL ACTOR POPULAR REALISA A SUA FESTA ARTISTICA COM UM BELO PROGRAMA

Santos Carvalho é um actor inconfundivel. Tendo creado os ultimos papeis populares de maior divulgação entre o publico, este actor que faz rir e nunca ri, tem o segredo da comicidade. Nasce-se com alegria ou sem ela. Ha actores que por mais situações e trocadilhos que uma peça contenha, não conseguem um sorriso do publico.

Ha actores que fazem rir sem pronunciar uma palavra. Dessa gloriosa escola de José Ricardo, Joaquim Costa e do popular e grande naturalista que é Jorge Roldão, é hoje representante Santos Carvalho. Para ele, sem lisonja as nossas felicitações.

A vos places... ou a" quadrilha" teatral

Anunciou-se que Amelia Rey Colaço ia para a provincia; que Ilda Stichini e Azevedo iam para o Politeama; que se abriu concurso para o Teatro Nacional; que o Apolo não teria Alves da Cunha; que Adelina e Artur se propunham ao Nacional; por Erico se concorresse e perderia que ser «brasileiro»; que Amarante ia para o Porto.

Afinal... o Erico não concorre e fica na Trindade; o Gil fica no Gimnasio; a Amelia volta ao Politeama; a Ilda fica no Nacional; o Alves da Cunha volta ao Apolo; a Aura estreia no Porto; o Armando fica no S. Luís; o Climaco fica no Eden; o Amarante fica no Avenida...

E, senão... veremos.

Leitão de Barros

O nosso director sr. Leitão de Barros deve partir para França e Alemanha no proximo dia 1 de Outubro, encarregado de uma missão gratuita oficial, de estudos de arte, pelo ministerio da Instrução.

Henrique Roldão

Por telegramas chegados 6.a feira á nossa redacção sabe-se que o nosso camarada Henrique Roldão deve chegar a Lisboa no proximo dia 22, a bordo do «Andes», não tendo regressado no «Lutetia» por ter ido a S. Paulo dar ainda uns espectaculos a companhia á qual está ligado.

Nacional

Companhia Stichini-Azevedo. A peça de grande sucesso «Se eu quizesse...»

Eden

O «Cabaz de Morangos»; grande sucesso.

Gymnasio

«Bombon», com Adelina Abranches.

Variedades

A revista de grande sucesso O «Pó d'Arroz.»

UMA NOVELA DE AVENTURAS COMPLETA

Uma novela da minha vida

A tragedia do Grande Hotel

POR

LINO FERREIRA

FOI em Maio de 1916. Tinha eu 10 anos a menos e muito cabelo a mais. Partira de Lisboa no rapido da manhã, a caminho do Porto, onde, para um assunto urgente, fôra chamado por telegrama. Ocupei um logar de 1.ª classe na carruagem n.º 143, compartimento n.º 5, assento n.º 4, junto á janela. No mesmo compartimento viajavam os meus amigos Leopoldo O'Donnel e Petra Viana, que iam á capital do norte combinar uma questão de fitas, um sujeito gordo que sofria de reumatico e que ia para a Curia tratar do rim, e um rapaz, proprietario dum escritorio de comissões da Rua do Arco de Bandeira, que se dirigia para Vizela, a fim de fazer um tratamento á pele e que, por isso ou por causa das comissões, foi todo o caminho a coçar-se.

Dou todas estas indicações, que nada têm com a novela que lhes vou

Parti no rapido da manhã para o Porto.

contar, unicamente para lhe garantir a autenticidade.

Cheguei ao Porto e depois de entregar as malas a um moço, para que ele mas levasse para o Grande Hotel, fui ao Café «Excelsior» procurar a creatura com quem devia tratar o negocio que me obrigara a sair de Lisboa. Jantei no Camanho, passei parte da noite no Jardim Passos Manoel, a tomar cerveja com musica, e á meia noite e meia hora encaminhei-me para o Hotel, onde me entregaram a chave do quarto n.º 27.

Todos estes detalhes, que não vêm a proposito, são para que não fique no espirito dos leitores a mais pequena duvida sobre a veracidade desta narrativa.

Entrei no quarto, despi-me, deitei-me e adormeci; mas mal tinha pegado no sono quando fui despertado por um grito lancinante de mulher, que partira do quarto ao lado, como me foi facil verificar pelos gritos que se lhe seguiram, cada vez mais lancinantes.

Eu não sei se já leram um romance de Henri Barbousse que se intitula «L'Enfer». Aqueles que o leram facilmente compreenderão o motivo porque levantei a cabeça do travesseiro e me puz á escuta. Aos que não leram o referido romance eu direi que nele se trata da curiosidade que desperta o mais pequeno rumor, as palavras imcompreensiveis que partem do quarto contiguo do nosso quarto de Hotel.

Levantei a cabeça do travesseiro, estendi o pescoço o mais que me foi possivel, e ouvi distintamente o seguinte dialogo:

ELE—Nem mais uma palavra.

ELA—Ouve-me, pelo amor de Deus.

ELE—Não te quero ouvir. Já não me resta a mais pequena duvida sobre a tua traição.

ELA—Mas se te juro...

ELE—Não... não quero ouvir nada. A minha resolução é inabalavel, mas preciso desafrontar-me aos olhos do mundo e da sociedade, e para isso quero que me entregues as cartas que esse miseravel te escreveu.

ELA—Isso, nunca... Seria deixar nas tuas mãos a prova do meu crime.

ELE—Pois se amanhã não me entregares as cartas desse homem, meto-te uma bala na cabeça.

ELA—Cobarde... Assassino...

ELE—São inuteis mais palavras... Por agora deixo-te entregue ao remorso. E amanhã, ou cartas ou um tiro na cabeça.

ELA—Pois morrerei, mas sem ter traido o meu amor.

ELE—Cala-te! Não sei como te não estrangulo.

ELA—E eu morreria pensando nele.

ELE—Ah!... Infame!

Ouvi então um grito enorme de desespero. Dei um salto da cama, peguei na pistola que trago sempre comigo, mas que está encravada, não me vá suceder alguma desgraça, e fui espreitar á porta de comunicação. Aquele homem ia matar aquela mulher, se é que ela não estava já morta. Espreitei e não vi nada, escutei e não ouvi nada. O que se teria passado?

Voltei para a cama; momentos depois ouvi umas palavras imperceptiveis, depois o sono venceu-me e adormeci. Lembro-me que tive nessa noite um sonho horrivel. Não via na minha frente senão cartas e pistolas, homens aos tiros e mulheres mortas, e quando pela manhã acordei, sobresaltado pelas descargas duma moto, aquelas descargas enervantes, que lembram um principio de revolução, vesti-me a correr, sai do quarto e andei uma hora passeando no «hall» do hotel, sem saber que resolução tomar.

«Podia eu, por acaso, calar o que ouvira?»

«Mas isso seria tornar-me cumplice do crime que ia consumar-se naquela noite.»

«Tratava-se da vida duma mulher»...

«Mas o homem ofendido tinha o direito de se vingar.»

Dei mais quatro voltas no «hall» e meditei:

«Cristo, quando o povo perseguia a esposa adultera, mandou que aquele que nunca tivesse pecado lhe atirasse a primeira pedra.»

«Se eu lá estivesse, teria eu por acaso o direito de a apedrejar?»

E continuando a passear, de braços crusados e olhar no chão, ia monologando:

«Ser ou não ser delator eis a questão!»

«Dizer?... Não dizer?... Fatal dilema...»

Depois, tive como que uma inspiração sobrenatural e tomei a resolução de falar. Dirigi-me ao escritorio do hotel e perguntei pelo gerente. Em poucas palavras, nervosamente, contei-lhe tudo o que ouvira. Ainda eu não tinha acabado a descrição e o gerente soltou uma enorme gargalhada.

—O senhor ri?—exclamei eu.

—Desculpe... é que no quarto ao

...dei um salto da cama, e fui espreitar á porta de comunicação.

lado do seu estão dois artistas dramaticos, a D. Maria Matos e o sr. Mendonça de Carvalho, e costumam, á noite, repetir as scenas das peças que representam no dia seguinte.

Sai do escritorio depois de ter esboçado uma desculpa. Passara eu uma noite em claro, uma noite de inquietação e de tortura, e afinal, era tudo comedia. Ah! não, de futuro, nem que se matassem a valer eu abandonaria o meu leito e o meu sono. A Maria Matos e o Mendonça de Carvalho!.. Não havia duvida de que eram dois

Apaguei a luz e adormeci tranquilo.

grandes artistas... Sim senhor... aquilo é que era uma representação natural.

A noite, quando me estava a deitar, ouvi que no quarto do lado falavam animadamente e riam a bom rir.

—Lá estão eles, disse eu comigo, e desdobrando o jornal procurei o anuncio do Teatro Sá da Bandeira e li:

TEATRO SÁ DA BANDEIRA

AMANHÃ

Grandioso sucesso da Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho, a engraçada comedia

O COMISSARIO DE POLICIA

Apaguei a luz e adormeci tranquilo. Naquela noite, com certeza, não haveria tiros.

LINO FERREIRA

O que se lê

AMOR E BOM HUMOR—versos por Frederico Cesar de Valsassina (2.ª edição).

Versos que se leem com agrado e boa disposição, que não cansam nem entusiasmam, que andam tão visinhos da Perfeição como da nulidade. O poeta parece-me que está ainda a meio caminho da gloria, mas apresenta-se tão resignado, tão reconciliado com as possibilidades ao seu alcance, que nos obriga a olha-lo com simpatia, e até com admiração. E' tão raro ouvir-se um riso saudavel e ver-se um sorriso bondoso e honesto!

Em algumas poesias «serias», o poeta atinge uma amplitude lirica e uma certeza de ritmo digna de todo o apreço e reveladora de notaveis finalidades. A poesia «Buscando o Minho» é graciosa, é mesmo bonita, no sentido ingenuo e popular do termo.

Algumas quadras soltas são das que se frisam facilmente, pelo seu conceito original e pela simplicidade da sua estrutura ritmica. Cito duas, que me parecem absolutamente felizes:

Quando vejo o azul dos céus
Sobre o azul do mar profundo,
Pregunto porque é que Deus
Não fez ao contrario o Mundo...

Se os beijos que a gente dá
Fossem de ouro verdadeiro
Eu por mim, era um rajah
Dando ás mãos cheias dinheiro!

FLORES DO CAMPO—peça em 1 acto, em verso, por Braamcamp de Barahona Fragoso.

E' uma tentativa de teatro regional, sem pretensões nem esmeros de forma. Lê-se sem o maior cansaço.

Tereza LEITÃO DE BARROS

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA . . .

O "JAZZ-BAND"

Uma novela admiravelmente escrita, pungente, sentida, vivida! Leia-a! Verá a noção imediata de que ha mil casos destes na vida!

DEZOITO anos. Era morena e flexivel, como a haste dum lirio. A aldeia fôra o seu mundo. Embrenhada no passado, só conseguia ver o pai e a avó. Não conhecera a mulher que a deu ao sol, ás flores, á musica. Uma vez, timidamente, arriscou uma pergunta. O olhar azul que a envolvia, numa ternura morna, perturbou-se. Ela não insistiu, mas a ânsia de saber roubou-lhe a alegria e fê-la doente.

E o pavor de ver definhar a filha empolgou o pai, sem, contudo, o levar a fazer confidencias. Acabrunhado, escreveu para uma irmã, contando que ela morria aos poucos e pedindo-lhe que a levasse consigo para a praia. O mar e a companhia de gente moça haviam de cura-la. Depois, tinha 18 anos, vividos infantilmente; era preciso que se fizesse mulher, que tivesse as alegrias da sua idade. E acrescentava:— «Toma, porêm, cuidado, minha querida! Essa filha que te empresto deve ser mais vigiada do que as tuas. Lembra-te da mãe dela. Tenho tanto mêdo ...»

Margarida estava em casa da tia Graça havia três semanas. Ultimavam-se os preparativos da partida. Numa pressa, que lhe causou vertigens, a modista modernizou-lhe os vestidos e a tia comprou-lhe outros, muito elegantes. As suas malas, agora, no lugar das roupas castas, que, pacientemente, adornara com bordado inglês e «crochet», guardavam peças finas, que se colavam ao corpo, que a despiam tanto, que o seu pudor teve um grito de revolta. O sacrificio das longas tranças custou-lhe lágrimas. Mas, a pouco e pouco consolou-se de tanto olhar para as primas e de o espelho começar a dizer-lhe que ficava linda, na semi-nudez da moda, e que as ondas de seu cabelo, assim cortado, eram mais fundas e mais altivas...

A's vezes, Margarida pensava no que a avó lhe dissera, certo dia, lá no solar, quando ela, por já ser muito crescida, deixou de usar bibe e piúgas.

—Agora, minha filha, tens de ter outra compostura. Muito cuidado com as saias, com os decotes, com as mangas. Seria demasiado incorrecto uma senhora mostrar as pernas, os braços e o colo, como qualquer criança. Tambem não deves andar a correr, nem a jogar a bola, com os filhos do caseiro.

E eis que essas palavras tinham um formal desmentido. O que era incorrecto, era ser recatada. Certamente que a avózinha tinha aquelas opiniões, por ser muito velha.

Ia-se perdendo, devagarinho, na bruma do esquecimento, a recordação da quietude, quasi extactica, de seus dias na aldeia. Margarida deixava-se possuir pela vida nova e as rosas voltaram e a penumbra fugiu de seus olhos.

Ainda em Lisboa, quizeram ensinar-lhe o «fox», o «shimmy» e o «charleston».

Margarida negou-se. Aprender a dansar? Não queria. O que eram estas dansas de salão mais do que um pretexto para abraços? Não chegaria a tanto a sua transigencia, porque lhe era impossivel esquecer a expressão, gravemente apreensiva, com que uma vez tambem a avó a repreendeu por ela estar abraçada ao primo José, no dia em que fizera 13 anos.

—Guida! Só deves abçar o rateu pai. Os outros homens, nunca, ouviste bem?

—Era capaz disso, o senhor?
—Porque não?

E como a avó estivesse muito palida, ela interrogara:

—O que tem, avó? Está a tremer?

—Nada, meu amor. Peço a Deus que vele por ti.

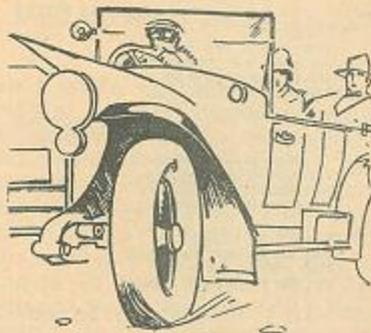
E' que a pobre senhora temia, como o filho, que aquela criança adoravel viesse a ser como a endiabrada bailarina mexicana que era sua mãe. E esse mêdo fazia-a ver indicios inquietadores nas mais inocentes acções de Margarida, e por isso, sempre atenta, vigiava amorosamente a formação daquele espirito, que tantos cuidados lhe custava. E os cuidados, que a levavam a colocar nas mãos de Margarida só os livros de literatura branca, levavam-na, tambem, a proibir que a neta conhecesse certa musica, que iria provocar estados de alma perigosos. Sómente os puros, os misticos, eram conhecidos dela: Conferin, Rameau, Lully, Mozart, Haëndel, Bach...

Nunca os dedos magros de Margarida percorreram as teclas, em musicas violentas. Desconhecia o veneno subtil da musica russa e ignorava Chopin e Liszt, os grandes agitadores do sonho.

Mas, agora, em casa da tia Graça, para que outros dansassem, tinha tocado aquelas musicas barbaras, que ritmavam languidamente os corpos. E uma sensação nova a tomou. Já seus olhos lindos, costumados á quietação da beleza calssica, começavam a encontrar harmonia nas atitudes decadentes das dansas modernas; já seus olhos aldeãos desprezavam a graça airosa da «Caninha Verde» e de «O vira.» E conseguindo desculpas, ante a consciencia acusadora, abraçou e deixou-se abraçar, para viver a musica, que acordara nela, uma outra Margarida.

Tornara-se notada, na praia, a belesa da prima da Zeca e da Maria da Luz, e logo uma côrte de admiradores a rodeou. Muito ingenua, muito sincera, formaram-se sôbre o sua personalidade duas opiniões. Uns acreditavam na candura de Margarida; outros julgavam-na artificial, perversa...

Entre estes contava-se o Luiz Victor, herdeiro de uma fortuna, que pretendia matar o tédio com uma aventura imprevista, escandalosa. Por isso, a rodeava de atenções e galanteios.

A tia Graça, convencida de que para a mulher de 18 anos, que era creança ainda, convinha uma liberdade ampla, nunca lhe preguntou o que o Luiz Victor lhe contava. A Margarida, muito ignorante do mal, tinha atitudes e conversas tão confiadas, tão intimas, que eram, para Luiz Victor, mais uma prova de leviandade. Tanto a avó como a tia Graça erravam. A primeira, por lhe ter formado o espirito dentro duma pureza incompativel com o mundo. A outra, por se despreocupar, excessivamente, dela.

...o automevel que os esperava, um formidavel Peugeot...

Margarida aimda não tinha ido ao Casino. Mas, naquela noite, quando o «jazz band» sacudiu, freneticamente, a sala, a tia Graça sentiu que as mãos dela esfriaram.

—O que foi?

—Não sei, tia. O sangue veio-me todo ao coração, mas já se espalhou. Não vê como queimo, agora? Sinto nas veias um tumulto enorme. Uma alegria estranha tomou-me toda. Sabe? Tenho a impressão de que andei perdida, estes anos, e que só agora me encontro...

—Nervos, nervos... Vai dansar. O Luiz Victor espera-te. E' um lindo «fox», este.

Ela foi. Adoravelmente, contou ao conhecido de há dias o que dissera á tia. E sob o nervosismo, a sua beleza era tão insinuante que Luiz Victor não resistiu á ideia de fantasiar pormenores sobre o «fox», «tango», «shimmy», «charleston» e os seus criadores.

E como ela se lamentasse, por não ter ido, ainda, a Paris, ao Mexico, a Buenos-Aires, ele interrompeu-a:

—Não vai, porque não quere

—Eu?!

—Sim.

—E o meu pai e a minha avó?

—Se lhes pedisse...

—Seria tempo perdido.

—Eu levo-a a Paris, ao Mexico, a Buenos-Aires.

—Era capaz disso, o senhor?

—Porque não?

Margarida aceitou a proposta. Mas, sem bem saber porquê, lembrou-se de uma lenda, que lêra em francês: Um garoto, esquecido dos conselhos da mãe, consentira em montar num cavalo negro e possante, dirigido por um homem de quem não gostava, mas a cujo convite não poude resistir. Esse homem levou-o a ver terras, terras, muitas terras estranhas e, quando já cansado, quiz voltar para os carinhos da mãe, que ele adivinhava naquele momento desesperada, não poude. E estava tudo perdido. Quem tinha montado o cavalo da treva morria para os seus.

—Oh! Luiz Victor. Será você o cavaleiro satânico e o «Rolls Royce» o cavalo negro? O seu convite não equivalerá ao «On dit que quand la nuit est noire...» e a minha confiança não será bem traduzida, nestas palavras do garoto: «Que dit-on, seigneur cavalier?...»

—Não. Que ideia! Eu sou muito seu amigo e quero mostrar-lhe terras novas, simplesmente.

A desconfiança de Margarida fôra o instinto a preveni-la, mas o instinto não encontrou a força do raciocinio. Em casa, livre de sortilegio, chorou de vergonha. Na noite seguinte não quiz ir ao Casino, mas como a tia Graça viu na recusa apenas um capricho, cedeu.

O «jazz-band» empolgou-a de novo. Margarida, rindo das lagrimas da véspera, afirmou ao Luz Victor que estava disposta a segui-lo, e enquanto os pares dansavam um «chimmy», foi até ao automovel, que os esperava. Depois escrevia ao pai. Afinal, a sua resolução não devia ser nada extraordinaria, num meio em que tudo se passava ao avêsso das recomendações da avózinha.

Subiu. E no dia seguinte, num hotel em Espanha, compreendeu que sempre o Luiz Victor era, afinal, o cavaleiro satânico, o «Rolls Royce» o cavalo da treva, e ela, o pobre garotinho, que não podia voltar.

Maria Amelia de M. Rodrigues

O DOMINGO ilustrado

VARIA

N.º 8 — 2.ª SERIE	SECÇÃO CHARADISTICA SOB A DIRECÇÃO DE JOSÉ D'OLIVEIRA COSME *DR. FANTASMA*	12 SETEMBRO 1926

Sr.ª D. Maria Amelia Gomes (MAMEGO), detentora do titulo de «Campeão de Decifradores» da 1.ª Serie de 1926

Sr. Armenio Vidal de Macedo (D. SIMPATICO), detentor do titulo de «Campeão de Produtores» da 1.ª Serie de 1926

Apuramento do n.º 2 (2.ª SERIE)

COLABORADORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

BAGULHO

N.º 7 — 4 Votos

N.º 4, de REI VAX . . . . 2 votos
N.º 1, de CAMARÃO E LORD DÁ NOZES 1 »
N.º 9, de AULEDO . . . . 1 »
N.º 3, de D. CALENO . . . . 1 »

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

D. GALENO, DROPÉ, D. SIMPATICO (todos da T. E.), MAMEGO, JAMENGAL, LORD DÁ NOZES e MARIANITA.
Com 13 decifrações (TOTALIDADE)

QUADRO DE MERITO

AULEDO, PANTALEÃO (7)

OUTROS DECIFRADORES

VIRIATO SIMÕES (4)

DECIFRAÇÕES

1—*sancadilha*, 2—causador, 3—*matadura*, 4—*untoso*, 5—chegado, 6—saludador, 7—*FELINO*, 8—enche-mão, 9—*manério*, 10—faina, 11—Ilo-Ilo, 12—numaria, 13—sus-

PRODUÇÕES MENOS DECIFRADAS

N.os 3, 4, 6 e 8 respectivamente de D. GALENO, REI VAX, MARIANITA E JAMENGAL com sete decifradores cada uma.

DEDICATORI S

VIRIATO SIMÕES decifrou a charada que VISCONDE DA RELVA lhe dedicou.

LOGOGRIFO

1O mundo é ingrato e só tem amarguras,
é cheio de espinhos, repleto de dôres,
é fonte de crimes, germen de torturas
combate de infamias, iras, rancores.-9-8-5-6

Mas, para que serve tão *triste* viver, 6-7-9-11
se o mundo é composto de vãs ilusões?!
Nós somos infelizes até no *nascer*,—4-6-10-9
e filhos nós somos, das vis podridões.

Tudo anda *disperso*. Que mundo cruel! -2-11-7-8
Que *grau* de baixeza! Oh! vil sociedade-1-3-2-8
a vida do pobre é composta de fel,
de negra amargura que mata a piedade.

Creanças famintas, descalças e nuas,
estendem a mão implorando uma esmola,
repousam dormindo nas pedras das ruas,
tudo é *ilusorio* e até desconsola.

Lisboa — VIRIATO SIMÕES

CHARADAS EM VERSO

(*Agradecendo ao* «Mané Beirão»)

2
Pois logo á primeira vista
puz a charada na lista
por acaso, pode crêr—1
Não sou bom atirador
mas no tempo do calor
torno-me rijo a valer!
E num *lance* destemido—2
mais que nunca decidido
o «causador» expirou..
e «habilmente» vos digo
sem «habilidade» amigo,
que muito *habil* não sou!!

Dafundo — D. SIMPATICO (T. E.

(*Respondendo ao desafio de* «D. Simpatico»)

3
Já uma vêz pela *ronda*—2
fui preso nua *desordem*.—2
Não quero dar novamente
um *passeio* de tal ordem.

Lisboa — LORD DÁ NOZES

4
Uma *caricia*, um afago,—2
um olhar terno, amoroso,—1
são refrigerio de males,
balsamico *delicioso*.

Lisboa — BAGULHO

5
Conheço linda «*mulher*»—2
com seu rosto *encantador*,—2
que tem p'ra nos seduzir,
secretos filtros de amor;

isto é coisa natural.
Mas o que de certo espanta
toda a gente, é o saber
que são feitos duma «*planta*».

Porto — REI DO ORCO

CHARADAS EM FRASE

[*Ao amigo e confrade* «Bixo Kuboto» *alvitrando a sua entrada no* «Moinho»]

6 Não imaginas os *defeitos que* tem uma *mulher mal comportada*. -2-1

Lisboa — VISCONDE DA RELVA

7 Um cigarro é *mais* que uma bôa *noticia* para os velhinhos do *asilo*.—1—2

Lisboa — JAMENGAL

[*Ao genial* «Lord Dá Nozes»]

8 *Arranquei* um dente e com a *dôr* soltei um grito *lugubre*.—2—1

Lisboa — CAMARÃO (G. E. L.)

(*Ao ilustre director do* «Moinho»)

9 *A coisa* muito *boa* chama-se «trigo sem *joio*» -1 -2.

Lisboa — MAMEGO

10 Durante o *intervalo* notei que ele não tinha *vontade* de tratar comigo *ás claras*.—3—2

Lisboa — DROPÉ (T. E.)

11 O *chefe da tribu oferece* um premio, ao primeiro que chegar ao *vertice do monte*.—2 1

Lisboa — MARIANITA

12 Paguei uma *contribuição* por não levar a *barba* feita para a «*repartição*».- 2 - 2

Lisboa — CALTAR

ENIGMA EM VERSO (por silabas)

[*Ao confrade* «Dr. Fantasma»]

13
Dezeseis letras contendo,
sete silabas ligadas
todas bem articuladas.
Creia no que estou dizendo.

Terça e segunda vereis
letra grega com certeza.
No que *fica* á sobremeza
prima e segunda achareis,

A quarta *estada* harmonia;
quinta com segunda *olego*;
e na *barba* do colega,
sexta e setima. Não ria!. .

Em versos desta maneira,
pois mais não dá o alaúde :
Recup'ração da saude
lhe deseja o

Lisboa — AVIEIRA

EXPEDIENTE

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a R. Alvaro Coutinho, 17, r/c.—Lisboa.

MUITO IMPORTANTE.—Serão anulados, sem *distinção*, todas as listas que, *contendo pelo menos* 50 % das decifrações, não tragam *a votação* do melhor trabalho publicado. Não se restituem os originais

Secção dirigida por DR. FANTASMA

Nota importante.—Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a RUA ALVARO COUTINHO, 17, r/c. LISBOA

As decifrações do problema hoje publicado, devem ser enviadas, O MAIS TARDAR, até ao PROXIMO SABADO. A solução do problema do numero anterior sairá no proximo numero, bem como o QUADRO DE HONRA.

QUADRO DE HONRA

AULEDO, NÓS, RUPECA, DOIS PRINCIPIANTES.

DECIFRAÇÕES DO N.º 85

HORIZONTAIS:—1 candieiro, 2 Alda, 3 diva, 4 sarico, 5 semon, 6 euros, 7 aaavt, 8 v d, 8-A p l r i, 9 l i, 10 v. g., 11 a. c., 12 lo, 13 op, 14 acha, 15 chiar, 16 ra, 17 pa, 18 ro, 19 ro, 20 mobil, 21 enedo, 22 anã, 23 doi, 24 sacho, 25 oliva, 26 arma, 27 liso, 28 português.

VERTICAIS:—1 claudicação, 2 asevia, 13 oi, 14 armista, 15 credo, 29 adur, 30 naco, 31 ir, 32 ideal, 33 rimar, 34 ovovivíparo, 35 antigo, 36 os, 37 toa, 38 apinhar, 39 Honolulu, 40 rosmano, 41 alão, 42 bac, 43 e i i, 44 r p. 45 mo, 46 I E, 47 S. S., 48 mu.

PROBLEMA DE HOJE

Original do nosso distinto colaborador «REI ABSOLUTO» e dedicado a «ADALBERTO BECO».

HORIZONTAIS:—1 brigue, 2 correio, 3 clamor, 4 bussola, 5 excepcionais, 6 planeta satélite da Terra, 7 arco do horizonte entre o meridiano do logar e qualquer circulo vertical, 8 flanco, 9 duas vogais iguais, 10 ande, 11 entregar, 12 anagrama de «bem», 13 pender, 14 embarcações, 15 duas letras de «ouro», 16 pronome pessoal (inv.), 17 prendei, 18 navegador português, 19 duas consoantes, 20 duas letras de «aena», 21 som do canhão, 22 quatro letras de «capataz», 23 maneira, 24 renque, 25 duas consoantes, 26 duas letras de «rapa», 27 procedi, 28 modestia, 29 religião, 30 oxidar, 31 dissimulação, 32 terra que principiou a ser cultivada, 33 inaugurou, 34 anagrama de «raio», 35 oceano, 36 o espaço etereo.

VERTICAIS:—1 progectil, 2 ausencia de guerra, 3 interjeição de dôr, 13 anagrama de «Crato», 25 reputação, 28 ande, 29 praia, 36 aqui, 37 provisão de agua dôce para o navio, 38 pronome possessivo, 39 prefixo de origem arabe, 40 consentimento, 41 anagrama de «tua», 42 levanta, 43 meditou, 45 existe, 46 duas letras de «mancha», 47 grandeza de alma, 48 desinteresse, 49 valentões, 50 terra maninha, 51 campo cultivado, 52 sulcar, 53 assemelho 54 mais mau, 55 pecado mortal, 56 cólera, 57 possuir, 58 ofereceu, 59 preposição, 60 artigo masculino, 61 prefixo que significa duas vezes, 62 preposição, 63 elemento, 64 interjeição.

Aos nossos Agentes de Lisboa e Provincia

O Domingo ilustrado pede mais uma vez a atenção dos nossos estimados Agentes de Lisboa e da Provincia para o facto das liquidações, tanto de sobras como de exemplares vendidos, não serem feitas no prazo devido, o que bastante transtorno nos causa, dando lugar a enganos e reclamações de que não é nossa a culpa.

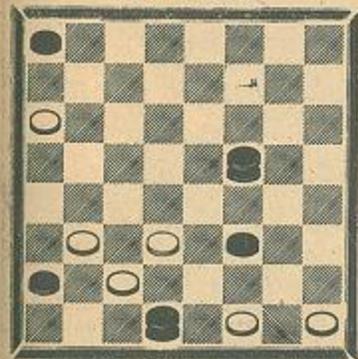
A ADMINISTRAÇÃO

Varia

Solução do problema n.º 85

	Brancas	Pretas
1	6-9	5-14
2	7-11	8-15
3	16-19	3-16
4	32-27	18-32
5	21-25	29-22
6	13-31-29-11-18-5	
	Ganha	

PROBLEMA N.º 86

Pretas 2 D e 3 p.

Brancas 6 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

Resolveram o problema n.º 84, conforme as duas soluções já indicadas: (1.ª solução) os srs. Aleixo Cunha (Coimbra), Artur Santos, Barata Salgueiro, Victor dos Anjos Fonseca.

(2.ª solução), os srs.: Augusto Teixeira Marques, Neulame, Carlos Gomes (Bemfica), Sueiro da Silveira e José Carlos Moreira da Silva.

O problema hoje publicado foi-nos enviado pelo nosso distincto colaborador «Neulame».

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», secção do *Jogo de Damas*. Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes Cardoso.

GRAFOLOGIA

RESPOSTAS A CONSULTAS

D. ALVARO X—Caracter impulsivo, energico ás vezes, generosidades, boa memoria, um ponto de imaginação a mais, facilmente irascivel, mas de bom fundo e esquecendo prontamente as zangas, orgulho de si proprio, pouco amor aos animais, reservado quando se trata de um segredo.

TRISTE VIOLETA—Caracter suave, bondosa de alma, muito profunda e invariavel nas suas afeições, bom gosto, habilidade manual, ordem, amor ao conforto, descuidada, economica sem necessidade, amor aos gatos.

MARIETTE—Não servem versos.

AMADEU—Caracter impulsivo «e nada de especial», boa memoria, optimismo, independencia de caracter, orgulho e dignidade, bom gosto, habilidade manual, dedicado e ciumento.

M. B.—Nervoso em extremo, inteligente, generosidade bem entendida, rajadas de pessimismo, intuição, orgulho de si proprio, bom coração, memoria regular, amor ao conforto.

BERÇOS DE PRINCIPES

FOI sempre a cidade de Paris que ofereceu aos reis de França o berço para o seu filho primogénito. Quando nasceu o rei de Roma, esse «Aiglon» que Rostand, mais do que a Historia, imortalizou, quando a França bonapartista exultou de alegria, Paris quiz honrar a velha tradição. E a 28 de Março de 1856, quando outro principe imperial nasceu, tambem o Conselho municipal da cidade tomou a seguinte perdularia decisão:

«E' aberto ao Senhor Prefeito do «Sena, para subvencionar a todas as «despesas relativas á execução do ber«ço oferecido em nome da cidade de «Paris a Suas Magestades, um crédito «de 180.000 francos, a tirar dos fundos «livres da Cidade de Paris.

«Além disso, o Conselho decidiu, «em sessão de 16 de março, que se «oferecesse um presente ao coman«dante Fayé, encarregado de lhe anun«ciar o feliz sucesso de Sua Magesta«de a Imperatriz, e fixou entre 10 a 15 «mil francos a importancia a gastar «nesse presente.»

Este berço ficou uma obra prima, e ámais nenhum filho dos homens, nem o filho de Deus (que dormiu sobre palhas) encontrou, ao entrar na vida, um leito mais rico e mais artistico, mais gostosamente oferecido.

Mas ha outros berços celebres, em França mesmo. Ha o do duque de Bordeus, obra prima de arquitectura e de ourivesaria.

Em Inglaterra e em Espanha ha os berços que foram tronos de dois reis: o de Jacques VI da Escossia e I de Inglaterra, coroado aos treze meses, e o de Afonso XIII, que nasceu rei, visto que a morte de seu pai teve lugar cinco meses antes do seu nascimento. Mas não foi no seu berço, cujo unico luxo consistia em rendas admiraveis, que Afonso VIII foi apresentado, pela primeira vez, aos dignitarios da sua côrte. Logo depois de nascido e de feita a sua primeira *toilette*, deitaram-no numa almofada, coberto de rendas. Depois, a duqueza de Medina de las Torres colocou a almofada sobre uma salva de oiro e, segundo o cerimonial da côrte, depô-lo nos braços da infanta Isabel, que o foi apresentar aos nobres do reino e ao corpo diplomatico, no grande salão de honra, onde todos aguardavam vêr o herdeiro. O senhor de Sagasta, presidente do Conselho de Ministros, vendo que era um rapaz, exclamou, com voz sonora: «Sua Magestade a rainha regente deu á luz um filho. Viva o Rei!» Depois de pronunciar estas palavras, fez, de improviso, um brilhante discurso, pedindo a todos os espanhois que defendessem o pequenino rei e conservassem intacta a Constituição. A 19 de Maio, o rei era inscrito nos registos de estado civil sob o nome de *Dom Afonso XIII Leão Fernando Maria Santiago Isidro Pascal Marcelo Antonão*. O seu berço, como se disse, não era faustoso e só as rendas o enriqueciam. Em Espanha, o berço dos principes é a salva de ouro onde são apresentados á côrte, quando nascem. O general Villacampa, cuja morte fora decretada pela junta suprema, foi perdoado quando Afonso XIII nasceu, pela rainha regente, que declarou ao Presidente do Conselho, quando este mostrava os inconvenientes de semelhante mercê real: «Quero que o berço do pequeno rei seja rodeado pela afeição de todos os espanhois, mesmo pela dos mais culpados!...» Dir-se-hia que D. Maria Cristina queria, assim, pôr sob a guarda de Deus —que tanto o tem protegido—o corpo, então debil, do *rei-niño*.

O berço do rei de Roma que morreu tristemente em terras de exilio, feito Duque de Reichstadt. Perante este berço tremeu a Europa!

Alguns berços de monarcas teem tido formas estranhas, como aconteceu com o de Henrique IV, que se pode admirar no castelo de Pau. E' formado por uma casca de tartaruga, colocada sobre um saco de veludo, com flores de liz e sobrepujada por um feixe de bandeiras, uma corôa e um elmo emplumado. Era um berço bem a caracter com a educação rustica que Henri d'Albret impôs ao neto, a quem, logo ao nascer, esfregou os labios com alho e obrigou a beber algumas gotas de vinho, para fazer dele um verdadeiro «Béarnais».

Nada se sabe dos berços de outros grandes reis. Para que um berço tenha historia, é preciso que a lenda ou a anedocta—essa «petite morçaie de l'Histoire»—tenham beijado a regia fronte infantil que nele descansou.

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 86

Por G. N. Cheney

Pretas (5)

(Brancas (5)

As brancas jogam e dão mate em cinco lances. (5)

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 84

1 B 2 C D

Resolveram os srs.: Nunes Cardoso, Vicente Mendonça, prof. Sueiro da Silveira (Beja), Maximo Jordão e Club Portuense (Porto).

TORNEIO AMERICANO:—Jogado de 7 a 21 de Julho, este torneio, de 2 giros, teve o seguinte resultado:

1.º	J. R. Capablanca	6 pontos
2.º	Kupchik	5 »
3.º	Maroczy	4 1/2 »
4.º	Marshall	3
5.º	Ed. Lasker	1 1/2 »

CAMPEONATO DE FRANÇA: — Termina hoje em Biarritz, o IV congresso da Federação Francesa; compreendia, entre outras provas, um torneio para o campeonato nacional.

DAMA ERRANTE

Tendo partido para o estrangeiro a nossa distincta colaboradora ficam suspensas temporariamente as consultas de grafologia.

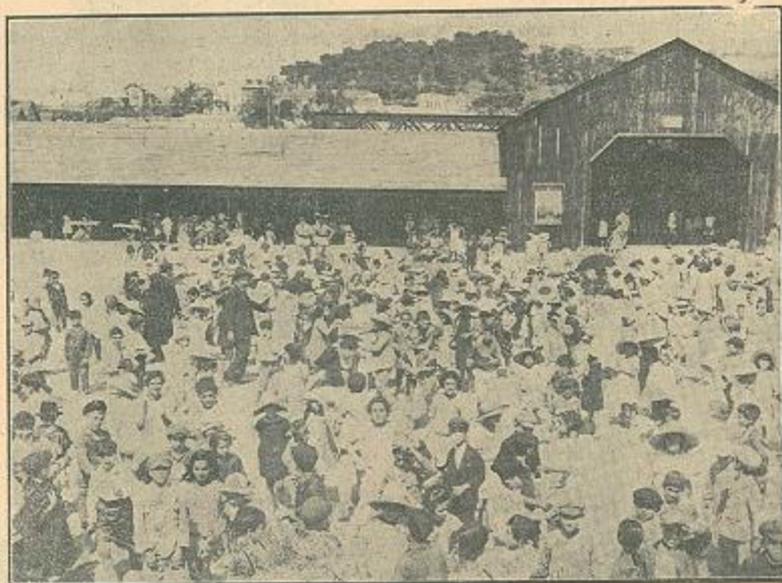
Actualidades gráficas

UMA HOMENAGEM AO CHEFE DO DISTRITO

A "TOILETTE" DO POLO NORTE

A mascara usada pelo celebre explorador comandante Byrd, com o capacete de couro de que se serviu para a sua viagem formidavel de Spitzberg á vertical do Polo Norte.

Almoço oferecido ao governador civil, capitão-aviador Luiz de Moura, pelos «reporters» que trabalham no Governo Civil.

A GRANDE OBRA DE ASSISTENCIA DAS JUNTAS DE FREGUESIA

Crianças na Cruz Quebrada, protegidas pelas juntas de freguesia, obra de sã protecção, que todos devem auxiliar com entusiasmo.

UM AZ DO CICLISMO

Alfredo de Sousa, do Sporting Club de Portugal, o mais antigo corredor de estrada em cujo peito brilham 48 medalhas, com sua explendida Peugeot, que sempre o tem acompanhado.

QUEM FICA NO TEATRO NACIONAL?

Amelia Rey Colaço, a notavel artista, tão cheia de talento e bom gosto, que com Robles Monteiro fez algumas epocas no Politeama, que marcaram um grande periodo de arte?

LINO RUEO

Notavel «metteur-en-scène» cinematografico, que acaba de filmar uma pelicula portuguesa, destinada a produzir grande exito: O Diabo em Lisboa.

DR. VASCO BORGES

Ex-ministro dos Negocios Estrangeiras do gabinete democratico, que aceitou o cargo de Presidente da importante comissão de Estudos Luzo-Americanos.

QUEM FICA NO TEATRO NACIONAL?

Ilda Stichini, a admiravel artista que tem ali feito, com Alexandre de Azevedo, uma tão brilhante epoca e tantas simpatias conta?

O DOMINGO ilustrado
PUBLICIDADE

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUEZES

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO – 48 ESCUDOS –
SEMESTRE – 24 ESC. –
TRIMESTRE – 12 ESC. –

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS – TEATROS, SPORTS & AVENTURAS – CONSULTORIOS & UTILIDADES.

E' esse o brado do "Diario de Noticias" que encontrou eco em todos os corações de pais. *O Domingo* ao publicar estas cabeças de raparigas salvas da miseria pelo Asilo D. Pedro V, envia toda a sua ternura para o brado patriotico do grande jornal português.